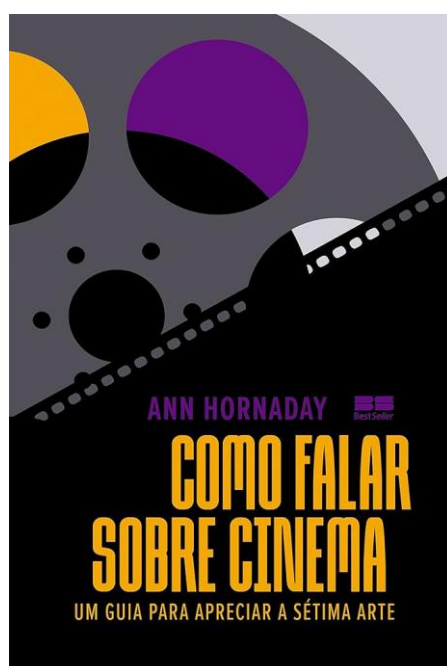




Resenha – Temáticas Livres

Um guia temático sobre como falar de filmes**Una guía temática sobre cómo hablar de cine****A thematic guide on how to talk about films**José Douglas Alves dos Santos¹Universidade do Planalto Catarinense, Lages, SC, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7263-4657>Hornaday, Ann. *Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2021.



Resumo: Resenha de *Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte*, de autoria da crítica cinematográfica estadunidense Ann Hornaday. O livro – publicado originalmente em 2017 – ganhou sua primeira tradução/edição no mercado editorial brasileiro em 2021, lançado pela Editora Bestseller, do Grupo Record, notabilizando-se pedagogicamente como uma publicação que revela distintas nuances ao modo como assistimos e atribuímos valor aos filmes. Mais do que uma apreciação particular e subjetiva a respeito de narrativas fílmicas e o modo como falamos sobre eles, todavia, Hornaday demonstra uma percepção apurada concernente a aspectos técnicos/objetivos de tais produções. Com isso, o livro ganha destaque como obra de interesse a estudantes, docentes e pesquisadores sobretudo da área do Cinema, Comunicação e Educação, bem como para cinéfilos e curiosos da sétima arte.

Palavras-chave: Cinema; Crítica cinematográfica; Filmes; Narrativas cinematográficas.

Resumen: Reseña de *Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte*, escrito por una crítica de cine estadounidense Ann Hornaday. El libro – publicado originalmente en 2017 – tuvo su primera traducción/edición para el mercado editorial brasileño en 2021, lanzado por el Editorial Bestseller, Grupo Record, ganó reconocimiento pedagógico como una publicación que revela diferentes matices de la forma en que vemos y atribuimos valor a las películas. Más que una apreciación particular y subjetiva de las narrativas fílmicas y de la manera como hablamos sobre ellos, Hornaday demuestra una percepción apurada sobre aspectos técnicos/objetivos de tales producciones. Con ello, el libro se destaca como una obra relevante para estudiantes, docentes e investigadores, especialmente del Cine, la Comunicación y Educación, así como para cinéfilos y curiosos del séptimo arte.

Palabras clave: Cine; Crítica cinematográfica; Películas; Narrativas cinematográficas.

Abstract: Review of *Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte*, authored by US film critic Ann Hornaday. The book – originally published in 2017 – gained its first translation/edition in the Brazilian publishing market in 2021, released by Bestseller, from Grupo Record, becoming pedagogically notable as a publication that reveals distinct nuances to the way we watch and attribute value to films. More than a particular and subjective appreciation of film narratives and the way we talk about them, however, Hornaday shows a keen perception concerning the technical/objective aspects of such productions. Thus, the book stands out as a work of interest to students, teachers and researchers, especially in the field of Cinema, Communication and Education, as well as to cinephiles and those who are curious about the seventh art.

Keywords: Cinema; Film criticism; Films; Cinematographic narratives.

Falando sobre cinema

Como falar sobre cinema: um guia para apreciar a sétima arte foi publicado originalmente em 2017 pela editora Basic Books sob o título *Talking pictures: how to watch movies*, ganhando sua primeira tradução/edição em português no mercado editorial brasileiro em 2021. Lançado pela Bestseller, do Grupo Record, se destaca por apresentar de modo didático algumas nuances sobre como podemos assistir e abordar filmes, que podem ser trabalhadas em diferentes âmbitos – seja para uma conversa informal entre amigos; para uma leitura pedagógica em sala de aula; ou para uma análise mais aprofundada em outros espaços de formação. Diante do rol de publicações na área do Cinema que se relacionam com outros campos do saber, *Como falar sobre cinema* se notabiliza como uma obra que pode servir de referência para estudantes,



docentes e pesquisadores sobretudo das áreas de Cinema, Comunicação e Educação, bem como para cinéfilos e curiosos da sétima arte.

A autora, Ann Hornaday, trabalha com crítica cinematográfica desde a década de 1990 e está vinculada ao *The Washington Post* desde 2002. Natural da cidade de Des Moines, estado de Iowa, Estados Unidos, ela começou sua carreira como pesquisadora e assistente editorial na revista *Ms. Magazine*, em Arlington, condado do estado da Virgínia, não demorando para se tornar escritora *freelancer* com contribuições em diversos veículos midiáticos – escrevendo para algumas revistas mais renomadas, como a *The New York Times* (na seção de Artes e Lazer), para a *Austin American-Statesman*, em Austin, Texas, e depois para o *Baltimore Sun*, em Maryland. Hornaday foi ainda finalista do Prêmio Pulitzer de 2008, na categoria de Crítica¹.

Em *Como falar sobre cinema*, Hornaday não traz somente uma apreciação particular e subjetiva a respeito de filmes e do modo como falar sobre eles. Mais do que isso, ela traz uma percepção aguçada e cuidadosa sobre como é possível perceber uma obra fílmica por meio de aspectos também objetivos, levando em consideração seu “léxico de convenções visuais, sonoras e performáticas”, como descreve a autora na parte inicial da obra. A publicação tem o intuito de “abrir possibilidades de interpretação e enriquecer a experiência cinematográfica” (p. 13).

Com a pretensão de produzir “um manual sobre como avaliar filmes” e inspirada por uma série de artigos escritos em anos anteriores, Hornaday estrutura o livro de acordo com as regras de uma produção fílmica, ou seja, ela divide o texto em sete capítulos (excetuando-se a Introdução, o Epílogo e o Anexo) a partir dos elementos que compõem o fazer cinematográfico: iniciando pelo *Roteiro* (p. 19-58), *Atuação* (p. 59-93), *Design de Produção* (p. 95-129), *Fotografia* (p. 131-170), *Edição* (p. 171-204), *Som e Música* (p. 205-238) e *Direção* (p. 239-270). Em cada um deles a autora traz exemplos sobre o quê observar de modo atento e objetivo para, ao final de uma sessão, se ter condições de responder com mais propriedade porque tal filme marcou positiva ou negativamente sua experiência com a obra.

Para Lisa Schwarzbaum (2017), do *New York Times*, Hornaday oportuniza aos leitores uma cartilha agradavelmente calma e sensata para os amantes da sétima arte, sejam estes amadores, profissionais ou mesmo indivíduos que queiram ter mais visualização em seus comentários na internet. Segundo Paul J. McCarren (2017), do

¹ “Por suas críticas e ensaios perspicazes sobre filmes, que refletem pesquisas sólidas e um estilo de escrita fácil e envolvente”, conforme descrito no site do Prêmio Pulitzer (disponível em: <https://www.pulitzer.org/finalists/ann-hornaday>). Na época a premiação ficou com Mark Feeney, do *The Boston Globe*.



Washington Independent, além de ter um título perfeito (mantido na tradução brasileira) o livro traz uma visão privilegiada de alguém que conhece e circula pelos bastidores da produção cinematográfica.

Em contraste com as publicações acadêmicas sobre o tema, o livro se distingue por dar mais atenção a aspectos da linguagem cinematográfica a partir dessa vasta experiência profissional da autora, que além de participar ativamente em grandes festivais de Cinema ainda produz com frequência entrevistas com cineastas, roteiristas, editores, atores e atrizes, entre outros/as profissionais que atuam nos *sets* de filmagem ou nos processos da pós-produção dos longas-metragens. Essas entrevistas acabam servindo como uma espécie de matéria-prima para construir um repertório teórico ou um referencial credível a partir do ponto de vista de quem faz cinema e opera em variadas funções e setores de produção de um filme.

Como falar sobre cinema é uma obra singular não pelo fato de ser menos hermético, em sua proposta e linguagem (no sentido de não ser um produto associado a algum estudo científico orientado por determinado método e configurado por uma escrita estritamente acadêmica), mas por demonstrar uma impressionante variedade de conhecimentos e um amplo domínio interpretativo da linguagem cinematográfica, ganhando um relevo semelhante a livros considerados referência em distintas áreas, vide publicações como as de Antonio Costa (2003), Jacques Aumont e Michel Marie (2003), Walter Murch (2004), Alain Bergala (2008), Leon Cakoff (2009), Rogério de Almeida e Marcos Ferreira-Santos (2011), Jennifer Van Sijll (2012), Renata de Almeida (2015), Thomas Elsaesser e Malte Hagener (2018), entre outros. Não bastasse essa peculiaridade, a publicação ainda apresenta uma série de curiosidades e detalhes de alguns filmes hoje consagrados na cinematografia, além de outros mais contemporâneos.

Apesar de não se concentrar em análises conceituais, com seu “estilo de escrita fácil e envolvente” (*The Pulitzer Prize*, 2008, s/p.) a autora apresenta um trabalho que pode servir aos leitores considerados mais especialistas no assunto – pesquisadores que investigam diferentes questões relacionadas ao cinema, em particular ao que se costuma descrever como sua linguagem e aos processos de significação social da relação filme-espectador –, quanto àqueles considerados “leigos”, que não têm formação acadêmica ou mesmo interesse em pesquisar e saber sobre determinadas especificidades do cinema para além de uma finalidade pautada na fruição. E este é um dos principais méritos do livro, ao dialogar com um público abrangente sem perder o relevo de suas considerações.

Como observação, salientamos a tradução realizada com esmero por Carolina Simmer, que inclusive respeita os títulos dos filmes mencionados por Hornaday em sua tradução oficial para o português, o que facilita a busca para quem deseja conhecer alguns dos longas apresentados. É possível constatar ainda um ponto de fragilidade a respeito da obra, que se refere ao fato de que os exemplos de filmes elencados no decorrer da escrita e os sugeridos ao final de cada capítulo se concentram em produções hollywoodianas. São raras as menções a produções de outra indústria cinematográfica utilizadas como exemplo. Considerando o quanto a autora aparenta conhecer também de obras de outros contextos geográficos, que poderiam dialogar com as questões por ela apresentadas, fica uma ponta subjetiva (e até objetiva) de frustração, pela pouca diversidade de exemplos nesse sentido.

No Brasil, duas publicações recentes se assemelham ou se aproximam da abordagem desenvolvida por Hornaday. *Vai começar a sessão: ensaios sobre cinema*, que reúne alguns textos do jornalista e crítico cinematográfico Sérgio Augusto (2019), produzidos entre os anos 2000 e 2010, e *Conversando com os filmes: cinema e valores do século XXI*, do médico e escritor Pablo González Blasco (2020), que também compila alguns de seus textos produzidos nos últimos anos. No entanto, ambas as obras não objetivam apresentar um *modus operandi* sobre a prática de analisar uma obra fílmica; menos preocupadas com o saber técnico da narrativa cinematográfica, têm como enfoque elaborar reflexões com e a partir dos filmes.

“Valeu a pena?”, é o título do Epílogo com o qual Hornaday finaliza suas reflexões. O demérito anteriormente citado não minimiza as qualidades e potencialidades de *Como falar sobre cinema*, que são muitas. Para historiadores, uma oportunidade de conhecer alguns detalhes de obras eminentes na história da arte e do cinema; para educadores (da educação básica ou do ensino superior), o guia é instrutivo e de fácil assimilação, o que pode contribuir na interface de propostas pedagógicas com filmes na escola e/ou na universidade, bem como em outros espaços formativos; para jornalistas, o livro é um deleite de forma e conteúdo (de como fazer e abordar críticas de cinema ou até mesmo de outros assuntos); para demais profissionais da Comunicação, um exemplo de produto que pode ser de interesse de um público mais amplo, não apenas voltado para especialistas; já para cinéfilos, um passatempo orientativo; e para quem deseja aprender a dialogar mais sobre cinema, é uma referência até então ímpar no cenário editorial.

Podemos afirmar que para o objetivo proposto, a obra cumpre com as expectativas deixadas ao público e ainda fornece um brinde em forma de anexo – em

especial para os que estudam a discussão envolvendo cinema de ficção e documentário (ficções históricas e filmes históricos). Na sequência do Epílogo a autora apresenta o breve texto intitulado *Documentários e dramas baseados em histórias reais* (p. 275-282). Ao contextualizar a temática, Hornaday finaliza parafraseando a escritora britânica Kate Atkinson, recordando que a arte pode não ser a verdade, mas ela “transmite uma verdade” (p. 281), e que as narrativas “contam uma história. E toda história muda, dependendo de quem a conta” (p. 282). Valeu a pena? Sim, vale a leitura e a indicação.

Referências

ALMEIDA, Renata de (org.). **Memórias do cinema**: um idioma universal. São Paulo: Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, 2015.

ALMEIDA, Rogério de; FERREIRA-SANTOS, Marcos. **O cinema como itinerário de formação**. São Paulo: Képos, 2011.

AUGUSTO, Sérgio. **Vai começar a sessão**: ensaios sobre cinema. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário técnico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2003.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BLASCO, Pablo González. **Conversando com os filmes**: cinema e valores do século XXI. São Paulo: Sobramfa Educação Médica e Humanismo, 2020.

CAKOFF, Leon (org.). **Os filmes da minha vida**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Mostra Internacional de Cinema, 2009.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Globo, 2003.

ELSAESSER, Thomas; HAGENER, Malte. **Teoria do cinema**: uma introdução através dos sentidos. Campinas: Papirus, 2018.

MCCARREN, Paul J. An esteemed film critic examines the story behind the camera. **Washington Independent**, Washington. 26 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.washingtonindependentreviewofbooks.com/bookreview/talking-pictures-how-to-watch-movies>. Acesso em: 24 dez. 2025.

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos**: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SCHWARZBAUM, Lisa. Getting beyond ‘I love it’: how to understand movies. **The New York Times**, Nova York, 2 de junho de 2017. Disponível em:



<https://www.nytimes.com/2017/06/02/books/review/talking-pictures-how-to-watch-movies-ann-hornaday.html>. Acesso em: 24 dez. 2025.

THE PULITZER PRIZE. The 2008 Pulitzer Prize Finalist in Criticism. **The Pulitzer Prize**. Nova York, 2008. Disponível em: <https://www.pulitzer.org/prize-winners-by-year/2008>. Acesso em: 24 dez. 2025.

VAN SIJLL, Jennifer. **Narrativa cinematográfica: contando histórias com imagens em movimento**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

¹ José Douglas Alves dos Santos

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).

E-mail: jdneo@hotmail.com

Recebida em: 12/07/2024. Aceita em: 19/04/2025.